

Descaracterização de avenida é denunciada

Foi na avenida República que a escritora capixaba Lacy Ribeiro encontrou inspiração para escrever o seu livro de crônicas com o nome da via pública. Ao longo de 92 páginas e 53 textos, os personagens da avenida começam a aparecer e a escritora, já no início de "Design Patético", faz a sua denúncia contra a descaracterização da avenida: "Os sobrados antigos vão sendo cobertos por modernos, desproporcionais e ridículos revestimentos..."

"A cada madrugada", continua ela, "marquises, faixas, fiações elétricas, tapumes, pequenas remodelações ou mesmo totais demolições, transformam o casario em indefinidos e estranhos espectros arquitetônicos". Apesar de ser moradora da avenida Florentino Avidos, Lacy toma todas as manhãs na República, às 5h15, um ônibus que a leva ao seu local de trabalho em Ubu. E foi esperando o ônibus que ela presenciou vários "ângulos" da avenida.

CENÁRIO

"Através de sua aguçada e ferida sensibilidade, num livro com um

único cenário, a Avenida República, no bairro Parque Moscoso, um espaço geográfico que, nos anos 50, abrigou a burguesia e seu cenário de mentira, e, hoje, com o crescimento da cidade e sua transferência político-ideológica para bairros afastados, expõe o que sempre se esconde por trás da arquitetura de fachada do fascismo caboclo: a indigência, a miséria, a solidão e o espanto de centenas de pessoas que fazem a noite, a madrugada e o início do dia". Este é o prefácio do jornalista Amylton de Almeida para o livro de Lacy.

E a nova avenida República? Lacy não deixa por menos e ataca: "Quando o asfalto é renovado, a avenida perde sua personalidade. Durante algumas madru-

das, com o novo e único cheiro, ela fica estranha, desconhecida da gente, parecendo não ser a avenida dos odores das cachaaças, urinas, vômitos e colônias. O ar fica arido, denso e hostil. O chão, liso e novo, permanece, por algum tempo, deserto de pegadas..."

E "pegadas" é que não faltam na avenida já que ela tem desde pensões até edifícios residenciais, passando por uma rede de pequenas lojas, além do banco Brandesco. O moinho Buaz e o Sindicato dos Estivadores também funcionam naquela via. Proprietário do Salão Avenida, desde 1935, Izidro Rodrigues Leal, tem saudade da "tranquilidade e da arborização da avenida que não existe mais".



Lacy Ribeiro: contra os espectros arquitetônicos

Local de bêbados e travestis

Do antigo nome, rua da Vala, hoje ela tem muito pouco e a maioria das pessoas passa por ali no dia-a-dia sem perceber a sua mudança ao longo dos anos. A avenida República, que de vez em quando é manchete de jornal por causa da "prostituição", continua sendo modificada, apesar da permanência de alguns casarões antigos, pensões e comércio atuante.

Esses freqüentadores, em sua grande maioria "marginalizados pela socie-

dade", têm na avenida um ponto de referência. Durante o dia é fácil constatar a presença de "prostitutas e bêbados", em redutos já conquistados. À noite, chegam os travestis, que ajudam a movimentá-la juntamente com os trabalhadores que lotam o cine Santa Cecília, à procura do lazer. Como a sua história sempre foi feita pelos "marginalizados", por várias vezes a avenida serviu como parada dos ônibus para os municípios de Vila Velha e Cariacica.

Contar sua trajetória é um pouco difícil.

Em seu livro "Logradouros antigos de Vitória", Elmo Elton lembra que "primitivamente", a avenida começava na rua do "Comércio e terminava na Cleto Nunes. Depois, inaugurado o Parque Moscoso, se estendeu até à Praça do Quartel (atual Misael Pena)". Ela recebeu o nome de avenida República, segundo Elton, em "5 de Julho de 1895, sendo o canal, então ali existente, coberto, em 1911, com concreto armado e lage de metal "deployer", durante o governo de Jerônimo Monteiro.

Elmo relembra ainda o cinema "Politeama" que funcionava num "barracão" onde hoje existe o Santa Cecília, que "exibia bons filmes assistidos por pessoas da melhor sociedade vitoriana". Ele registra ainda o "antigo" Café Jaú, a padaria Sarlo, o bar Teixeira, a Casa Scall, além do "prédio onde funcionou o Departamento Estadual de Estatística, em cujo andar térreo esteve instalado, por algum tempo, o Correio".



Avenida República antigamente chamava-se rua da Vala